

# INFORMATIVO ONLINE APUR

Nº 30 - Cruz das Almas (BA) - 19 de Novembro de 2015 - [www.apur.org.br](http://www.apur.org.br)

# 20 DE NOVEMBRO



# DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

# SOMOS, DE FATO, A UNIVERSIDADE MAIS NEGRA DO BRASIL?



Resultado da luta do povo do Recôncavo por uma universidade pública federal na região, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) tem em seu discurso a pretensão de ser a maior universidade negra do país, principalmente depois de adotar as ações afirmativas. De início, a UFRB reservava 45% de vagas para as cotas sociorraciais, mas hoje ela já reserva 50% de suas vagas, obedecendo à Lei nº 12.711/2012. Para tentar comprovar e atualizar em números o discurso da UFRB (segundo uma matéria publicada no site da universidade em 2012, a UFRB tinha, em média, 84,3% de negros, frente a 40,8% da média nacional. Na mesma matéria, o reitor à época, Paulo Gabriel Nacif, afirmou ser a UFRB a universidade mais inclusiva do Brasil) procuramos a Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE), mas, infelizmente, não obtivemos respostas.

Segundo a Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), em dados publicados em 2011, a UFRB possuía 38,02% de pretos (contra 8,72% da média nacional) e 46,28% de pardos (contra 32,08% da média nacional), perfazendo um total de 84,3% de estudantes afrodescendentes autodeclarados. Quando da pesquisa, a UFRB tinha 8.000 matrículas, atualmente, (segundo a expressão pública da vice-reitora, Georgina Gonçalves, no II Ciclo de Debates), são 10.200 estudantes.

No que se refere ao estudo feito pela PROPAAE em 2011, constava-se que 1.548 estudantes haviam ingressado na universidade, sendo que destes quase a metade (721) foi pelo sistema de cotas. Analisando no aspecto cor/etnia, 48,5% se autodeclararam pardos e 45,5% pretos. Quando levado em consideração a distribuição dos cotistas por centros de ensino, observou-se que o Centro de Formação de Professores (CFP) foi único onde os cotistas foram maioria, chegando a 54,6%. Segundo consta, nos demais centros os números ficaram dentro do percentual de cotas, em torno de 45%, exceto no Centro de Ciência e Tecnologia (CETEC), em Cruz das Almas (BA), que ficou com aproximadamente 38,4%, um número abaixo da reserva.

Na perspectiva quantitativa, no primeiro semestre de 2011 o Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) teria recebido 216 cotistas; o Centro de Formação de Professores (CFP) cerca 214; o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) 185; o Centro de Ciência e Tecnologia (CETEC) cerca 66 e o Centro de Ciências da Saúde (CCS) 40 estudantes.

Levando em consideração que os dados que conseguimos obter não são recentes, não podemos afirmar precisamente a situação atual da UFRB. Mas é possível que o número de estudantes negros e negras seja ainda maior, o que, sem dúvida, seria um passo importantíssimo para uma universidade que se pretende a mais negra do Brasil. Mas será que só a quantidade de estudantes é o suficiente?

Dando uma olhada em alguns dados que conseguimos junto a alguns funcionários da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Criação e Inovação (PPGCI), pudemos observar

que as discussões sobre temáticas que incluem a população negra são bem ínfimas. No ano de 2014, por exemplo, dos 317 projetos PIBIC, apenas 7 abordavam alguma temática específica da população negra (comunidades negras rurais, português falado em determinada comunidade quilombola, violência e raça, inclusão social de famílias quilombolas, saúde de mulheres e homens afrodescendentes, sexualidade de mulheres e homens afrodescendentes). Dos 101 Grupos de Pesquisa, somente 4 são voltados especificamente à temática do negro e negra. A UFRB tem 14 cursos de pós-graduação, sendo que apenas 2 tem alguma relação direta com a temática. Além disso, não há nenhuma discussão sobre linhas institucionais de pesquisa que sejam afirmativas para inclusão de projetos de caráter étnico racial.

Nada podemos dizer sobre o número de pessoas negras entre os docentes e técnico-administrativos, o que enseja, no mínimo uma questão sobre as formas de operação do racismo entre estas categorias profissionais e a ausência de problematização destes modos, seja em pesquisas, seja em órgãos de comunicação desta universidade.

Para além dos números, é incontestável que a luta da população negra pelo ingresso ao ensino superior é longa, árdua e está longe de terminar. É inegável que houve um aumento considerável no número de acesso à universidade, mas devemos nos questionar todos os dias como tem sido a qualidade desse acesso, e como os/as jovens negros/as vêm sendo tratados no espaço acadêmico, o que tem sido objeto dos estudiosos de permanência. (Veja, a seguir, o texto “Permanência e Pós-permanência também é política afirmativa”, da professora Dyane Brito Reis)

Volta e meia somos bombardeados com histórias de racismo e preconceito dentro das universidades; seja nas formas dos trotes extremamente desrespeitosos e humilhantes, nas piadas em relação ao desempenho dos/as alunos/as cotistas, nas piadas racistas sobre os cabelos dos/as universitários/as negros/as. Enfim, mais do que aumentar o acesso da população negra ao ensino superior, é necessário lutarmos para que tal acesso seja digno e de qualidade (aqui vai entrar discussões importantes como a garantia de alimentação e moradia dignas), e que essa população seja respeitada, na medida em que suas condições de permanência sejam equalizadas aos outros estudantes.

Pensando mais especificamente no acesso da população negra do Recôncavo à nossa UFRB, não podemos admitir que casos como o do estudante de filosofia, militante negro e rapper, Uh Neto, que foi brutalmente ameaçado por sujeitos encapuzados e armados, se tornem corriqueiros. Ou dados já entregues por meio de um dossiê pelo Núcleo Capitu de Pesquisa e Extensão, onde constam violências de caráter racial e de gênero às mulheres negras, sejam apenas apreciados. A UFRB, como espaço de disseminação de saberes, precisa se debruçar mais sobre as questões que dizem mais respeito especificamente à população negra. As ações não podem ficar restritas a determinados grupos e/ou pesquisadores, bem como não pode ser uma discussão de ano em ano, com as “comemorações” do Dia da Consciência Negra.



Projeto fotográfico da estudante da UnB, Lorena Monique, denunciando o racismo na universidade



Trote racista na UFMG



Saudação nazista em trote na UFMG

## DIZ AÍ PROFESSOR...

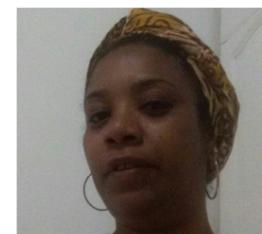
### A UFRB é uma universidade de negros?

Desejo um dia não termos que lembrar de fazer essa pergunta: A UFRB é uma universidade de negros? Desejo um dia em que apenas tenhamos necessidade de apenas lembramos que fazemos parte da raça humana. Todos somos iguais nesse quesito - seres humanos. Mas, infelizmente, vivemos em outra realidade. Infelizmente uma parte da raça humana abriu feridas no continente africano que até hoje não cicatrizaram. Muitas gerações serão necessárias para que as feridas sejam curadas e as cicatrizes esquecidas.

É muito difícil dizer se a UFRB é uma universidade de (ou para) negros. Prefiro dizer que a UFRB está inserida em uma região de maioria afrodescendente que ainda não descobriu a sua ferramenta de transformação sociocultural. Prefiro dizer que a UFRB tem em sua estrutura administrativa uma Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas. Prefiro dizer, também, que a UFRB valoriza as manifestações afrodescendentes. Prefiro dizer, ainda, que a UFRB tem consolidado as ações para se tornar uma instituição cada vez mais inclusiva. (Professor Sivanildo Borges, do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas - CETEC).

## PERMANÊNCIA E PÓS-PERMANÊNCIA TAMBÉM É POLÍTICA AFIRMATIVA

\* Profa. Dyane Brito Reis



Ao falarmos em Ações afirmativas no Brasil, a primeira discussão que vem à tona é o acesso às Universidades Públicas Brasileiras. Para além da querela sobre cotas, presente ainda hoje em diversos espaços (acadêmicos e não acadêmicos), estou convencida de que há tempos existe uma lacuna em duas outras facetas, em meu entender, essenciais para o sucesso das Políticas Afirmativas no Ensino Superior: a Permanência e a Pós-Permanência.

Em 2009, no trabalho intitulado Para Além das Cotas, definíamos Permanência como o ato de continuar que permita não só a constância do indivíduo, mas também a possibilidade de existência com seus pares. Permanecer não pode ser entendido, portanto, como o simples ato de persistir apesar e sob todas as adversidades, mas a possibilidade de realizar o curso superior com uma vivência plena e total da Universidade, fazendo parte dela.

A Universidade Pública Brasileira - que se configurou historicamente como um espaço de (re)produção, institucionalização e ampliação do racismo - ao propor uma política de Inclusão Étnico Racial, precisa ter clareza do verdadeiro significado desta inclusão. É mister fornecer as condições necessárias para que o/a estudante possa vivenciar a Universidade para além das condições materiais de permanência. É necessário refletir qual o verdadeiro significado do ingresso na Universidade de jovens, e outros não tão jovens assim, pertencentes a grupos sociais historicamente aliados do processo educacional, sobretudo da educação superior.

Para as famílias menos abastadas, e em geral negras, a universidade representa um grande feito, já que no seu imaginário ela estava ausente, distante, "pouco provável". A entrada de um membro destas famílias no ensino superior e a sua permanência têm dois sentidos: um sentido que é individual e o outro que é grupal, uma vez que ser universitário ou universitária significa a possibilidade de alterações no seu futuro e no meio social em que este indivíduo circula.

As políticas de permanência precisam ser de ordem material - aqui me refiro às bolsas e aos auxílios, ao RU e à Assistência Saúde - mas também são necessárias reformulações curriculares, incentivo à iniciação científica e às atividades extensionistas, apoio acadêmico, entre outras ações que podem fortalecer o que chamamos de permanência simbólica na Universidade.

Alguns poucos trabalhos de pesquisa têm dado conta de entender as inúmeras estratégias que são criativamente formuladas pelos/pelas estudantes a fim de permanecer na Universidade e até mesmo de driblar as condições simbólicas que aprisionam ideias, matam saberes, cerceiam relações, criam barreiras entre o popular e o acadêmico e tudo isso sob o discurso de uma inexistente neutralidade axiológica. Outros/as tantos/as

estudantes sucumbem a esta lógica reprodutivista da Universidade e "trancam o curso" na esperança de voltar em um momento mais propício.

Do mesmo modo que o ingresso na vida universitária, a conclusão do ensino superior é uma etapa que precisa ser assistida. Não se pode pensar neste processo como o final da esteira de produção em que os produtos estão "acabados" e prontos para serem colocados no mercado. Somente uma permanência bem-sucedida pode garantir o ingresso do/a recém-formado/a em uma pós-graduação ou permitir uma atuação profissional qualificada.

O Centro de Formação de Professores da UFRB está entre os Centros que reúne o maior número de negros/as em seu corpo docente e é, sem dúvida, aquele com maior número de estudantes oriundos/as de comunidades rurais ou comunidades negras rurais. Pesquisa recente nos permite afirmar que para grande parte destes/as estudantes o ingresso na universidade é marcado pelo estranhamento. Trata-se de um mundo distante e distinto do seu (lembremos que muitos destes jovens são os/as primeiros/as da família a ingressar na universidade). Estes/as estudantes "estrangeiros/as" ou outsiders, em geral vindos de um universo marcado pela escassez material e cultural, experimentam uma sensação de não pertencimento ao espaço acadêmico e para isso, muito contribui os tratamentos indiferentes, discriminatórios ou mesmo estigmatizantes.

A persistência desta situação de inadaptação, de exclusão, de discriminação impede a permanência simbólica na Universidade. Para reverter esta situação é necessário que as desigualdades de equilíbrio de poder sejam diminuídas e que o outsider se torne um nativo, ou um estabelecido (Elias; 2000). O/A estudante precisa participar de todas as atividades, interagir em todos os momentos, viver a universidade de forma plena a fim de adquirir estes "códigos da vida universitária" e então pertencer.

São necessárias ações que possam: Realizar um acompanhamento dos/das Bolsistas do Programa de Permanência Qualificada; incentivar as produções acadêmicas que deem conta da Vida Universitária, realizar um acompanhamento do Egresso; fortalecer ações de caráter extensionistas nas comunidades de origem dos estudantes; fortalecer ações de garantia da Equidade na Graduação e na Pós-Graduação. Estas são apenas algumas das inúmeras ações que podem ser pensadas e articuladas com vistas a uma verdadeira ação afirmativa no ensino superior.

**\* Professora Adjunta do CFP; Tutora do Grupo PET AfirmAção; Professora do Mestrado Profissional em Educação do Campo (UFRB) e Professora Colaboradora do Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade (UFBA).**

**Para Além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. Disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11778>**

# POR QUE SOMOS E PORQUE NÃO SOMOS UMA UNIVERSIDADE NEGRA



\* Prof. Angela Figueiredo

Localizada no Recôncavo da Bahia, região conhecida historicamente pela sua importância econômica durante o período colonial e pelo expressivo percentual de negr@s na população e, conseqüentemente, por sua forte e expressiva cultura negra. Ingressei na UFRB em 2008, desde então tenho acompanhado o crescimento, desafios, aprendizados e os embates teóricos e políticos que caracterizam o cotidiano de nossa universidade. A UFRB já nasceu com o sistema de cotas iniciado no Brasil desde 2002 e que reserva um percentual do número de vagas para negros, indígenas, membros de comunidades tradicionais e estudantes oriundos de escolas públicas. A UFRB é, proporcionalmente, a universidade com o maior número de alunos autodeclarados pretos e pardos. Paralelo a estas iniciativas, o governo do PT ampliou o número de universidades públicas no país e este aumento possibilitou o ingresso de professor@s negr@s, antes excluíd@s das Universidades Federais.

Por estes motivos, a UFRB é considerada como a primeira Universidade negra do Brasil. Verdade ou não, o que importa são as representações produzidas sobre nós e, certamente, nos apropriamos simbolicamente para produzir esta “verdade”. Primeiro foi o verbo diz a Bíblia quando da criação do mundo... Efetivamente, através da assunção desta identidade saímos da condição de uma universidade de periferia na geopolítica do conhecimento para assumir o lugar da primeira Universidade negra do Brasil. Quais as conseqüências desta afirmação nas relações de poder, na distribuição de cargos, de recursos e na produção do conhecimento? Isso quer dizer que não há espaço para

os professores e alunos brancos? E que imagem queremos projetar de nos mesmos no Brasil e no mundo?

Sabemos que uma universidade negra não resulta apenas do fato de termos uma maioria de estudantes negr@s, é preciso ir além, adotando uma perspectiva teórica e epistemológica que incorpore outros referenciais na produção do conhecimento, é preciso descolonizar o conhecimento e as relações de poder como propõe Anibal Quijano, Enrique Dussel dentre outr@s. Uma universidade negra precisa expressar sua posicionalidade como reivindicado pela perspectiva feminista na distribuição de cargos, de recursos e na produção do conhecimento. Os professores não-negros sempre serão bem vindos a este projeto desde que questione os seus históricos privilégios e que possam vir abrir mão deles.

\* **Pós-doutora em African-American Studies – UVA-USA. Professora adjunta do CAHL, professora permanente do programa de Pós-graduação em Ciências Sociais -UFRB, Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos- POSAFRO-UFBA e coordenadora do coletivo Angela Davis.**

**A categoria negro é a soma das pessoas que se autodeclararam pretas e pardas no censo e tem sido usada de modo crescente pelos afro-brasileiros como uma categoria política.**

## ENTREVISTA

Muitas são as posições sobre as temáticas do povo negro, mas é sempre importante e revelador sabermos quem são as pessoas que se posicionam e qual o seu lugar de fala. Por isso, diante dos debates atuais sobre racismo e discriminação, e também por entendermos a importância do Dia da Consciência Negra em todo esse contexto, convidamos a professora \* Fátima Aparecida Silva para se posicionar sobre essas questões. Para além de seu currículo que mostra sua capacidade intelectual para tratar sobre a temática, a professora Fátima Aparecida Silva é uma mulher negra que defende suas posições em todos e quaisquer espaços.



### 1. Como a senhora percebe as “comemorações” do dia da Consciência negra, em especial no meio acadêmico?

As comemorações do dia da Consciência Negra, 20 de novembro, podem ser explicadas em um cenário que compreende as reflexões do registro da história e memória da população negra e os vários segmentos sociais. Nesse sentido, as comemorações, sejam elas individuais ou coletivas, são profundamente influenciadas por diferentes ideologias que estão em constantes movimentos e disputas.

No meio acadêmico percebo que essa disputa considera, não somente, mas principalmente, três aspectos. O primeiro aspecto privilegia o registro da história da população negra, apontando esta população como sujeito histórico modificador do seu contexto social. O segundo aspecto coloca-nos diante do desafio de problematizar como o espaço acadêmico trabalha a história da população negra, na perspectiva de ir

além das atividades realizadas em momentos específicos e determinados pelo cotidiano acadêmico. As temáticas que perpassam a história da população negra não podem ser reduzidas a situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, não podem ficar reduzidas aos grupos de pesquisas que trabalham com essa temática. Para que isso não ocorra, faz-se necessário repensar o processo de formação dos estudantes e a relação da universidade com a produção de saberes/conhecimentos. Se pretendemos que nossas ações e debates não fiquem reduzidos somente ao dia da Consciência Negra, é indispensável discutir a história da população negra, a partir de homens e mulheres negros e negras que sofreram e sofrem uma história de submissão e subalternização social, questionando as diferenças, não simplesmente as diferenças culturais, mas principalmente questionando os mecanismos de poderes presentes em nossa sociedade, possibilitando assim, a desestabilização de conhecimentos almeçados como totalitários e universais tão presentes no mundo acadêmico.

Finalmente, o terceiro aspecto, remete ao registro da história da população negra a partir de explicações racionalistas e reducionistas, atrelando a história dessa população somente às contradições sociais objetivas, percebidas principalmente pelas relações de produção econômica da estrutura social. Nessa visão reducionista da história a população negra escravizada é apresentada como alienada sem possibilidade de alcançar, por si, uma consciência da opressão, é incapaz de dar um significado político aos seus atos de protesto contra o regime de exploração escravista. Um dos aspectos que contribuem para o equívoco da história da população negra é o desconhecimento de parte da sociedade brasileira, inclusive intelectuais acadêmicos, sobre os processos de lutas e organizações da população africana e seus descendentes durante o período escravista no Brasil. A história que exclui a população negra como sujeito de sua história, ignora ações que foram fundamentais para a sobrevivência dos africanos e seus descendentes no Brasil. Entre as ações encontramos formas de resistência de homens e mulheres negros e negras à escravidão, através das lutas individuais ou coletivas.

A omissão da ação de resistência da população negra na história não é um fato isolado, mas faz parte de uma ideologia que inferioriza essa população. É no contexto de disputas ideológicas do registro da história e memória da população negra no Brasil, que o dia 20 de novembro, dia da “Consciência Negra”, pode ser explicado. Evidenciar o aspecto histórico e ideológico da data 20 de novembro é uma maneira de mostrar que a população negra não se deixou e não se deixa dominar passivamente diante da opressão social, assim a população negra se torna sujeito histórico modificador do seu contexto social, e nesse sentido, o espaço acadêmico que se apresenta como um espaço de produção de saberes/conhecimentos é estratégico e também importante.

### 2. Segundo o Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil, os homicídios de mulheres negras aumentaram 54% em dez anos em nosso país. Como discutir a resistência negra diante de um dado tão alarmante?

Pesquisas apontam que o mapa da violência no Brasil tem cor e tem sexo. As duas variáveis quando combinadas apontam que o homicídio de mulheres negras no Brasil aumentou, enquanto o número de homicídios de mulheres brancas caiu. A resistência da população negra, em virtude do crescimento de movimentos sociais negros, aponta para a denúncia de um país que coloca a mulher negra num ciclo vicioso estimulado pela combinação perversa entre racismo e sexismo. As variadas formas de organizações negras no Brasil são respostas para discutir e denunciar dados alarmantes e vergonhosos de violência contra as mulheres negras. A Marcha das Mulheres Negras, que acontecerá no dia 18 de novembro, é um exemplo de denúncia contra o racismo, a violência e o sexismo. Igualmente é uma denúncia do avanço das forças políticas conservadoras e reacionárias que ameaçam o país na atualidade.

### 3. Nos últimos tempos, algumas celebridades vêm sofrendo ataques racistas em público, o que tem gerado as famosas campanhas/discursos “Somos todos fulano de tal”. Em sua visão, esses discursos dizem de fato alguma coisa? Contribuem de alguma forma para inibir tais ataques?

Não vejo problemas se as pessoas querem se identificar com alguma celebridade que sofre ataques racistas, o problema é que essa comoção é pontual, e não se dá da mesma forma quando variadas manifestações de racismo são divulgadas e manifestadas no cotidiano como, por exemplo, o ataque que sofrem as pessoas que frequentam as

religiões de matriz africanas. O problema talvez é que muitas vezes aceitamos quase de maneira natural no nosso cotidiano as manifestações racistas que acontecem com pessoas que não são famosas. Assim, pouco ou nada adianta nos identificarmos com pessoas famosas que sofrem racismo se continuamos concordando com as variadas formas de racismo e preconceito.

**4. Na contramão dos ataques racistas e de notícias como as do Mapa da Violência 2015, temos visto manifestações de luta, tais como “Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta” e “Marcha do empoderamento crespo” (que ocorreu em Salvador no dia 7 de novembro). Como manifestações como estas podem contribuir de fato para a resistência e consciência negra no Brasil?**

Penso que os movimentos negros “Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta” e “Marcha do empoderamento crespo” são a expressões da luta cotidiana da população negra contra racismo e o descaso do Estado brasileiro. A 1ª Marcha do empoderamento crespo de Salvador mostrou que o povo negro, apesar do racismo, está reconstruindo a sua identidade e se afirmando através da sua estética, nesse caso a estética do cabelo crespo. Nesse sentido, assumir o cabelo crespo é um ato político e um ato de resistência. Igualmente o movimento “Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta” é também um

movimento de resistência do povo negro que denuncia a mortandade/genocídio da população negra, vítimas da truculência policial e das condições sociais desfavoráveis. Assim, os movimentos: “Marcha do empoderamento crespo” e “Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta” são importantes contribuições para a resistência e consciência negra no Brasil.

*Professora Adjunta III do Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Possui graduação em Licenciatura em História, mestrado em Educação e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2008). É Vice - Coordenadora do Curso de Pedagogia. Coordenadora Institucional do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR/UFRB. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Permanente, atuando principalmente nos seguintes temas: Movimento Negro, Educação das Relações Étnico-Raciais, Educação Indígena e Frente Negra Pernambucana. Atuou como Coordenadora Institucional do Pibid Diversidade/Indígena da Universidade Federal de Pernambuco (2010/2014). Atuou como Vice - Coordenadora do Curso Intercultural Indígena/CAA/UFPE.*

## A REVOLTA DOS MALÊS

“Um dos episódios mais empolgantes da resistência escrava no Brasil”. É dessa forma que o historiador João José Reis define a Revolta dos Malês, ocorrida no dia 25 de janeiro de 1835, num domingo, na cidade de Salvador. O movimento foi organizado por alguns escravos muçulmanos que habitavam a cidade de Salvador no Período Regencial. O historiador ainda explica que os malês eram os muçulmanos de língua ioruba que, na Bahia, eram conhecidos como nagôs. Mas a revolta também contou com outros islamizados como os haussás, porém com menor número de revoltosos.

Cerca de 600 homens estiveram envolvidos, um número expressivo considerando, numericamente, a população da época. O plano dos revoltosos era dar início ao movimento nas primeiras horas do dia 25, porém foram denunciados. Os soldados chegaram ao local onde os escravos estavam reunidos, mas foram surpreendidos com o grande número de guerreiros africanos. João José Reis explica que uma pequena batalha se deu na ladeira da Praça, e logo depois os escravos se dirigiram à Câmara Municipal (no subsolo da Câmara funcionava uma prisão, onde estava preso o líder malê Pacifico Licutan).

Todavia, os revoltosos foram surpreendidos no fogo cruzado. Depois do fracasso do ataque à Câmara, o grupo de rebeldes saiu pelas ruas da cidade gritando para acordar os escravos para que se unissem ao movimento. Consta que o grupo foi até à Vitória para se reunir a um outro grupo de malês. Logo após, afirma João José Reis, atravessaram em frente ao Forte de São Pedro sob fogo cerrado dos soldados, e foram parar nas Mercês. Tentaram ir em direção ao Cabrito, local marcado para encontrar os escravos do engenho, contudo foram barrados no quartel da cavalaria em Água de Meninos. E foi aí que se deu a última batalha, terminando com os malês massacrados.

Há quem retire a importância do movimento pelo seu curto tempo, mas vale lembrar que, apesar de não ter durado muito, a Revolta dos Malês deixou Salvador em polvorosa. Mesmo depois do fim do movimento, o medo continuou durante muitos anos, pois temiam que outros levantes pudessem ocorrer. O receio não ficou apenas na cidade de Salvador, se espalhou pelas demais províncias do Império do Brasil.

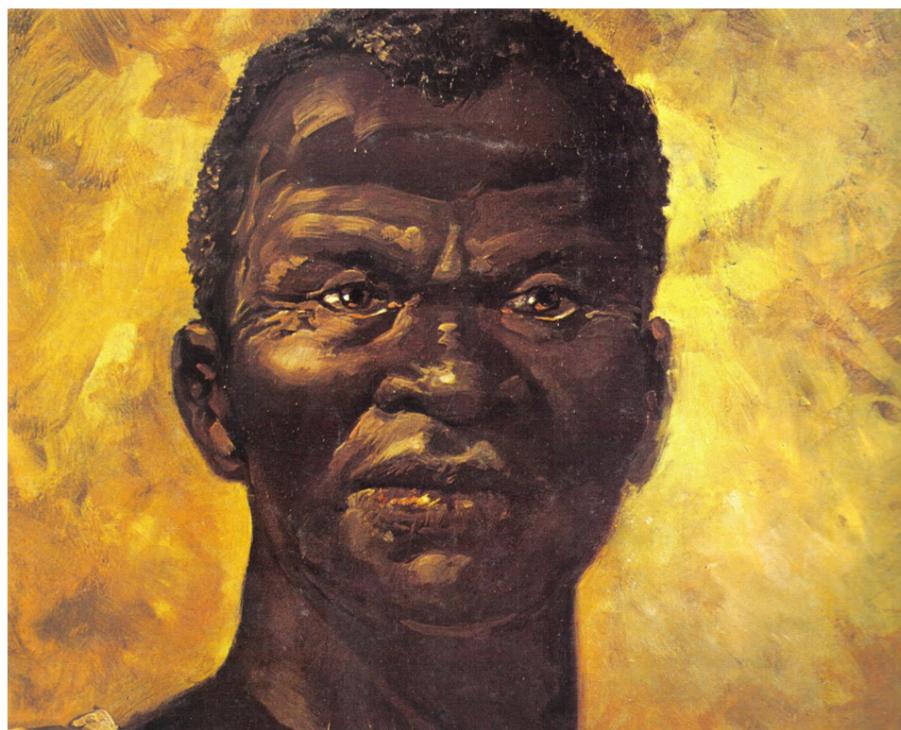
O Período Regencial, que já era marcado por certa fragilidade política, ficou ainda mais abalado depois da Revolta dos Malês, que fez com que a população africana fosse submetida a uma vigilância mais cuidadosa e com repressão abusiva.

Segundo João José Reis, não se sabe o que os rebeldes pretendiam fazer caso saíssem vitoriosos, mas que existem indícios que seus planos não eram amigáveis para as pessoas nascidas no Brasil, fossem estas brancas, negras ou mestiças. “Isso refletia as tensões existentes no seio da população escrava entre aqueles nascidos na África e aqueles nascidos no Brasil. Que fique bem claro: os negros nascidos no Brasil, e por isso chamados crioulos, não participaram da revolta, que foi feita exclusivamente por africanos”.

De qualquer sorte, é necessário esclarecer que a Revolta dos Malês não foi um movimento sem direção, ou um simples ato de desespero, e sim um movimento político. Os malês também mostraram que a identidade e solidariedade étnicas foram um fator importante de mobilização ao convidarem escravos não-muçulmanos para a revolta. Todavia, é necessário explicar que nem todos os africanos muçulmanos que habitavam a Bahia à época fizeram parte da revolta. Ainda assim, por terem em seu poder papéis malês, as autoridades usaram isso como prova de rebeldia, prenderam e condenaram muitos inocentes. O que não é muito diferente dos dias atuais, em que muitas das tais autoridades condenam o povo negro por suas crenças e por sua cor.

## ZUMBI DOS PALMARES

Não tem como falar em Dia da Consciência Negra sem falar em Zumbi dos Palmares, afinal o dia foi escolhido exatamente por ser a data de sua morte, 20 de novembro de 1695. Apesar de alguns afirmarem não haver certeza na data de seu nascimento, há fortes indícios de que ele teria nascido no ano de 1655, no estado de Alagoas, no Quilombo dos Palmares. Mesmo tendo nascido livre, foi capturado com mais ou menos seis anos de idade, e batizado como Francisco. Consta que teria aprendido a língua portuguesa, latim, álgebra e a religião católica. Ainda assim não esqueceu suas raízes e, aos quinze anos de idade, conseguiu fugir e voltar ao Quilombo dos Palmares, onde adotou o nome de Zumbi. Daí para frente ajudou o Quilombo nos enfrentamentos aos soldados portugueses, mostrando ser um grande guerreiro. Torna-se líder do Quilombo dos Palmares e o principal representante da resistência negra à escravidão. Em 1694 a sede de Palmares é destruída, e Zumbi, mesmo ferido, consegue escapar. Contudo, refugiado por mais de um ano, é traído por um de seus aliados e capturado pelos bandeirantes. Zumbi dos Palmares foi decapitado e, por ordem do governador, teve sua cabeça exposta em Recife no dia 20 de novembro de 1695. Hoje é considerado por muitos um dos principais líderes da história do Brasil.



VOZES – MULHERES  
Conceição Evarísto

A voz de minha avó ecoou  
Criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos – donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue e fome.  
A voz de minha filha  
Recolhe todas as nossas  
vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas na garganta  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida – liberdade.

PONTO HISTÓRICO  
Éle Semog

Não é que eu  
Seja racista...  
Mas existem certas  
Coisas  
Que só os NEGROS  
Entendem.  
Existe um tipo de amor  
Que só os NEGROS  
Possuem,  
Existe uma marca no  
Peito  
Que só nos NEGROS  
Se vê,  
Existe um sol  
Cansativo  
Que só os NEGROS  
Resistem.  
Não é que eu  
Seja racista...  
Mas existe uma  
História  
Que só os NEGROS  
Sabem contar  
... Que poucos podem  
Entender.